

## ***OF MICE AND MEN*: ANÁLISE E LEITURA NO PRÉ E PÓS-GUERRA FRIA<sup>1</sup>**

**Francisco Higo de Amorim** – francisco.higo@hotmail.com  
Graduando em Licenciatura Letras Inglês no Instituto Federal de Brasília, Campus - Riacho Fundo I.

**Thiago de Faria e Silva** – 1230607@etfbsb.edu.br  
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo.  
Docente do Instituto Federal de Brasília - *campus* Riacho Fundo.

**RESUMO:** O presente artigo busca discorrer sobre a obra literária *Ratos e Homens* (1937) do escritor estadunidense John Steinbeck e de sua adaptação cinematográfica homônima, dirigida por Gary Sinise (1992), observando as diferenças, semelhanças e possíveis propósitos, tendo em vista o caráter histórico em dois momentos: pré e pós-Guerra Fria. Nestas circunstâncias, a análise busca interpretar as obras a partir de seus contextos históricos: os Estados Unidos da América lidando com a crise econômica de 1929, com o programa do presidente Franklin Delano Roosevelt, o *New Deal*, e pós queda do muro de Berlim, acontecimento que marca o fim da bipolaridade e medidas neoliberais passam a ser uma tendência mundial. Em acréscimo, também será abordado a relação com o *American Dream*, que acabou ganhando outros conceitos na segunda metade da década de 30, por conta da agenda para a saída da crise que o governo impôs (KARNAL, 2007, p. 213). Detectamos que um dos temas centrais, a obra questiona se as pessoas partem em situações de igualdade para desfrutar do *sonho americano*. Tanto o livro quanto o filme dão interpretações parecidas nos dois momentos históricos, que é sobre o “sonho não vivido da desesperança projetada no futuro e da amargura pelo seu passado” (BOTELHO; DULDOLSKI. 2016. p. 87).

**PALAVRAS-CHAVE:** John Steinbeck; *Of Mice and Men*; *American Dream*; Guerra Fria.

### 1 INTRODUÇÃO

Retratando o período e as consequências da Crise de 29 nos Estados Unidos, John Steinbeck escreve sobre dois homens que procuram emprego e buscam realizar o sonho de ter um lugar para morar. Amigos desde a infância, *George Milton* e *Lennie Small*, compartilham características tanto físicas quanto comportamentais bem distintas. Lennie se assemelha a uma criança em suas características performáticas, apesar de ser grande e forte. Por outro lado, George, baixinho e esperto se comparado a Lennie, é quem o protege e procura emprego para que possam ter dinheiro e sobreviver.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi um dos resultados da disciplina optativa Diálogos entre a História, a Literatura e o Cinema, ministrada no 1o semestre de 2017 no curso de Licenciatura em Letras/Inglês do IFB - *campus* Riacho Fundo.

A dupla vagueia por fazendas procurando emprego nos redores de Salina, na Califórnia, com o sonho de fazerem economia e adquirirem uma fazenda. Em vários momentos da narrativa, Lennie pede para que George conte como será quando finalmente eles comprarem o imóvel e passarem a administrar o próprio negócio, como afirma Johnwill Faria: “A busca do chamado *American Dream* se mostra na forma do sonho compartilhado por George e Lennie, de comprarem uma terra para si, onde poderiam desfrutar de liberdade e independência, na comunhão de sua amizade fraterna” (FARIA. p. 105).

As narrativas do livro, publicado em 1937, e sua adaptação para o cinema, lançada em 1992, são obras pertencentes a momentos importantes, tanto da história mundial quanto dos Estados Unidos da América. Além de investigar a forma como se dá a adaptação de um tipo de texto para outro, aqui, também, será investigado os momentos históricos das duas obras. Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (1994), em suas contribuições sobre a análise fílmica, defendem que “a análise fílmica não é um fim em si. É uma prática que procede de um pedido, o qual se situa num contexto.” (p. 09). Deste modo, o contexto histórico de cada obra e suas possíveis leituras serão levadas em conta neste artigo, como também o conceito de *American Dream*.

## 2 RATOS E HOMENS: LITERATURA, CINEMA E HISTÓRIA

Mais conhecido por *Vinhas da Ira*, o escritor John Steinbeck, nascido em 1902, é conhecido por retratar em suas obras a sua preocupação social. Californiano e de família de classe baixa, mas não pobre, Steinbeck chega a estudar em Stanford, entretanto não conclui o curso e se lança como escritor *freelancer* em Nova York. No período inicial de sua carreira, em que lança o seu primeiro romance, também chega a trabalhar em outros bicos, como zelador, pedreiro e repórter.

Comprometido com a visão social em suas obras, o escritor escreve **Ratos e Homens** de forma a deixar adaptável para o teatro, pois entendia que a obra deveria ser acessível e voltada para os trabalhadores que não tinham tempo de ler um livro integralmente, mas poderiam ir ao teatro (LI, Luchen; SCHULTZ, Jeffrey. *apud* FARIA. p. 106). Posteriormente, no final da década de 30, com a efetividade do *New Deal*, revelações sobre o expurgo de Stalin e o pacto nazi-soviético, o tornou, assim como vários outros escritores, ser correspondente e leal a democracia norte americana (TEMPERLEY, H.; BRADBURY, M. p. 312). Ainda assim, alguns interpretam que, em *Ratos e Homens*, o *american dream* é um dos temas centrais da história (FARIA. p. 105). O *sonho americano*, para o historiador James Truslow Adams<sup>2</sup> (1931. p. 214-215), é

---

<sup>2</sup> Biblioteca do Congresso; disponível em: <<http://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/lessons/american-dream/students/thedream.html>>. Visualizado em 25 de Junho de 2017.

that dream of a land in which life should be better and richer and fuller for everyone, with opportunity for each according to ability or achievement. It is a difficult dream for the European upper classes to interpret adequately, and too many of us ourselves have grown weary and mistrustful of it. It is not a dream of motor cars and high wages merely, but a dream of social order in which each man and each woman shall be able to attain to the fullest stature of which they are innately capable, and be recognized by others for what they are, regardless of the fortuitous circumstances of birth or position.<sup>3</sup>

A adaptação para o cinema dessa obra foi, em geral, fiel aos aspectos principais do enredo. Com exceção de pequenos trechos, como George em um trem no começo e no final da obra cinematográfica, a obra tendeu a respeitar o enredo do livro. Entretanto, as duas linguagens (literatura e cinema) contém formas e recursos distintos em suas manifestações. Com isso, o que acontece da Literatura para o Cinema, segundo alguns teóricos, é uma adaptação, pois o cineasta e o romancista dispõem de signos diferentes para comporem as suas obras (DINIZ, 2005).

O romancista dispõe de menos recursos que o cineasta, aquele dispõe somente da linguagem verbal, enquanto esse dispõe de linguagem verbal, escrita (como legendas), oral (diálogos), músicas (como trilha sonora) e linguagem visual.

Nesse sentido, a tradução seria definida como um processo de procura de equivalentes, ou melhor, de procura de um signo em outro sistema semiótico, o cinema, que tenha a mesma função que o signo no primeiro sistema, a literatura (DINIZ, 1999)

No que tange à análise fílmica, o objeto analisado pode ser tanto da produção escrita, quanto da produção audiovisual ou das duas. A análise fílmica, pode, também, conter imprecisões, devido à dificuldade de ordem material, que se dá pela dificuldade que o analista encontra no momento das descrições das cenas (VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ. p. 9).

Os momentos históricos, tanto políticos quanto econômicos, das duas das obras (1937 e 1992) são bastante diferentes. A obra original foi lançada em período do *New Deal*, quando o governo buscava saídas, tanto culturais quanto econômicas, para a Crise de 29. Já em 1992, o contexto histórico é outro, com os Estados Unidos saindo vitorioso da Guerra Fria e com o neoliberalismo tornando-se hegemônico.

---

<sup>3</sup> Tradução minha: “aquele sonho de uma terra na qual a vida deve ser melhor e mais rica e plena para todos, com oportunidade para cada um de acordo com a capacidade ou realização. É um sonho difícil para as classes superiores europeias interpretarem adequadamente, e muitos de nós mesmos nos cansamos e desconfiaremos dele. Não é um sonho de automóveis e salários altos, mas um sonho de ordem social em que cada homem e cada mulher podem alcançar a estatura mais completa de que são inatamente capazes e ser reconhecidos pelos outros por o que são, independentemente das circunstâncias fortuitas de nascimento ou posição”

### 3 ANÁLISE

#### 3.1 FÍLMICA

As cenas analisadas serão os momentos em que os dois personagens principais mencionam e conversam sobre o sonho de terem uma fazenda.

A primeira cena em que mostra George e Lennie falando sobre os planos da fazenda no livro é na página 24; no filme a cena acontece por volta dos 18 minutos e 10 segundos. Ela transcorre à noite, enquanto os dois estão acampando para se apresentarem na fazenda que irão trabalhar no dia seguinte, logo no começo da narrativa. O diálogo ocorre quando Lennie e George estão sentados a frente de uma fogueira e é acompanhado por uma trilha sonora em *fade in*, composta por uma música instrumental, executada com um violino, na qual o som vai aumentando conforme o diálogo acontece.

Iluminados pela fogueira, George para de falar e faz uma expressão séria, a música é interrompida repentinamente e podemos ouvir somente o barulho dos grilos ao fundo; no livro, eles estão jantando e combinam que Lennie não irá dizer nada na entrevista de emprego na fazenda, uma informação suprimida no filme, entretanto, sem perda de sentido. Na obra cinematográfica, George se levanta com semblante sério e preocupado, dá uns passos para trás e pede para que Lennie preste atenção naquele lugar. Caso aconteça algum infortúnio a instrução, é lá que ele deve se esconder, o que também ocorre na obra literária. Com algumas falas suprimidas, o diálogo na obra cinematográfica, então, termina com George pedindo para Lennie não se meter em confusão, pois senão não o deixará tomar conta dos coelhos na fazenda que eles pretendem adquirir. A sensibilidade de George sobre a situação de Lennie é demonstrada nesse momento, no qual ele busca, de algum modo, controlá-lo utilizando o sonho para tal.

No livro, neste momento, existe a preocupação de George e Lennie conseguirem a vaga de emprego. A obra original é mais próxima das consequências da crise de 1929, o que nos permite interpretar que a preocupação com a aquisição de um emprego nessa época fosse muito grande. Por outro lado, a preocupação de George com Lennie, no filme, também é com o emprego, de se manter nele devido aos problemas com os quais Lennie pudesse se envolver.

O segundo momento em que a fazenda é mencionada, e com muita relevância na história, é o trecho em que eles estão no quarto com Candy, um velhinho que tem um problema no braço e também quer se aposentar. O velho, então, descobre o plano de forma involuntária e é inserido na ambição da dupla. Na página 78 do livro e por volta dos 58 minutos no filme, acontece um dos mais importantes diálogos sobre o planejamento dos dois. Novamente, a cena é retratada à noite, só que desta vez em um quarto. Com som dos grilos ao fundo, George vai descrevendo uma

fazenda que parece conhecer, saindo assim do âmbito da abstração, devido ao fato de estarem trabalhando e poderem juntar o dinheiro necessário. A conversa dos dois, com algum foco em seus sorrisos, especialmente nas expressões faciais indicando atenção de Lennie, acontece com uma trilha sonora que, novamente, se apresenta em *fade in*.

A conversa dos dois passa no filme sem que tenha qualquer indicação de que Candy esteja no mesmo lugar que os protagonistas. Entretanto, no livro, ele é mencionado enquanto a narrativa expõe o diálogo dos dois personagens centrais. Nessa narrativa fica claro que o velhinho está prestando atenção na conversa dos dois. Já no filme de Sinise, Candy não aparece enquanto os dois estão conversando.

Quando Candy interrompe os dois, no filme, a música cessa, dando a indicar um clima de tensão, somente com o barulho dos grilos ao fundo. Os dois ficam intimidados com a colocação do velho. Aos poucos, Candy vai demonstrando que está disposto a ajudar os dois com a fazenda e que tem uma boa quantia de dinheiro guardada. George resiste um pouco, mas cede. O silêncio, com os grilos ao fundo, aos poucos, se transforma em uma música, que indica sentimento de esperança dos três. A música, assim como a primeira, possui uma base instrumental em violino e inicia-se quando Lennie abre a boca para falar: “Eu vou levar aquele maldito cachorro”<sup>4</sup>, aos 62 minutos e 29 segundos. Já no livro, a fala de Lennie, neste momento da conversa, vai ficando mais séria e é maior que a do filme, mas, ainda assim, permanece fiel: “Eu vô leva meu cachorrinho [...]. Aposto por Cristo que ele vai gostá de lá, por Jesus” (STEINBECK. p. 85).

No momento da conversa, a música vai ficando em *fade out* enquanto os três escutam barulho de mais pessoas se aproximando do quarto e fazem o plano de não contarem o sonho da fazenda para ninguém. Então, Candy fala que deveria ter matado o próprio cachorro e que não deveria ter deixado um estranho matá-lo. George só escuta e se levanta para interferir na conversa das pessoas que estão entrando no quarto; no livro, não há menção do comportamento de George. Então, acontece uma substituição, a música, que estava em *fade out* é totalmente silenciada e, então, ouvimos somente o barulho da discussão que os demais personagens fazem dentro do quarto.

O último momento dos personagens centrais em relação à fazenda é o mais emblemático, pois é retratada a morte de Lennie. Os dois estão no lugar combinado caso ele entrasse em alguma confusão. No livro, antes deles se encontrarem, Lennie é surpreendido por um coelho que fala e briga com ele por entrar em confusões e estragar o plano. O coelho diz também que George vai acabar o abandonando por conta disso. Esse coelho, que no final das contas não passa de fruto da imaginação de Lennie, é um ponto ignorado no filme de Sinise.

---

<sup>4</sup> Tradução minha.

Começando na página 137 no livro e, no filme, aos 100 minutos, o reencontro dos dois, por conta do coelho é marcado por diferentes justificativas de Lennie. No livro, o reencontro começa da seguinte maneira: Lennie estava sendo atormentado pelo coelho e gritava bastante, George, ao vê-lo, pergunta o porquê e ele grita. Já Lennie diz as seguintes frases ao encontrar seu parceiro: “Ocê num vai me abandoná, vai, George? Eu sei qu’ocê num vai.”. No filme, a frase dele é: “Eu não me lembrava onde a gente estava, mas não esqueci”<sup>5</sup>, fazendo referência ao combinado.

George acalma Lennie nas duas narrativas; aos 104 minutos e 30 segundos no filme, então, começa a descrição do sonho dos dois. George diz: “A gente vai ter um lugarzinho”. No livro, começa na página 140. A fala dos dois, neste sentido, é dita sem que nenhuma trilha sonora seja acionada ao fundo. A trilha sonora só começa a tocar, em *fade in*, depois do disparo da arma de George, quando ele abaixa a cabeça e começa a chorar.

O efeito em *fade in* nos dois primeiros momentos do filme eram interrompidos sempre por motivações de preocupações reais, foi assim quando George, no primeiro momento, pensou sobre o fato de Lennie se meter em confusão e, também, quando outras pessoas chegaram perto de descobrir ou descobriram o sonho que eles compartilhavam. Em outras palavras, quando a realidade, de alguma forma, passava pelos dois personagens. Simbolizando sonoramente o sonho compartilhado de adquirir uma fazenda, a trilha sonora instalada nas duas primeiras vezes que o mencionam é interrompida de forma abrupta. Desta vez, a trilha sonora não surge enquanto eles falam sobre o sonho.

Em relação ao livro, o final do filme de Gary Sinise se apresenta de forma diferente. Na obra original, George se encontra com os demais, que estavam caçando Lennie. Um outro personagem, Slim, diz que George fez o correto em ter feito aquilo e não ter deixado outros fazerem. Esse é o momento em que a fala de Candy, páginas anteriores, é referenciada sobre a morte de seu cachorro. Posteriormente, o livro termina com algumas falas de outros personagens no sentido em tentar entender a relação entre os dois amigos. Já no filme, após a morte de Lennie, assim como no começo, George está num vagão de trem. No começo do filme, o mesmo lado de seu rosto é clareado por um pouco de luz que entra no vagão na forma de *flashes*. Entretanto, na cena do final, seu rosto recebe mais luz do que da primeira vez e de forma contínua. Na primeira cena, seu aspecto era de seriedade; na última, ele possui semblante entristecido. Nas duas cenas, seu aspecto é de alguém que olha fixamente para um ponto, mas está com o pensamento distante. Na última cena, em decorrência da perda do amigo, a trilha sonora que se instala neste instante é de violino e algumas notas de piano, indicando tristeza.

---

<sup>5</sup> Tradução minha.

Interessante ressaltar, ainda, uma cena extra que Sinise adiciona no final do filme, que torna o filme mais sensível em relação à amizade entre George e Lennie. Na cena, eles aparecem trabalhando. Os dois levantam um saco e colocam em uma carroça e, então, olham-se e saem andando, tudo isso em câmera lenta, enquanto os dois vão se distanciando, indicando que estão indo embora. Essa é a última cena e acontece junto com a mesma trilha sonora da cena anterior e parece ser fruto do pensamento de George, apesar de o filme não deixar nenhuma evidencia disso.

### 3.2 POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES: LIVRO X FILME

Retratado no período da Grande Depressão econômica nos Estados Unidos da América, o livro foi lançado no contexto de funcionamento do *New Deal*. Nesse período ocorria o segundo mandato do democrata Roosevelt, que contava com a aprovação do povo em seu programa econômico para a saída da crise, iniciada na quebra da Bolsa de Nova York em 1929.

Com a popularidade em alta do *New Deal*, o *american dream* (mito fundador) sofria uma transformação em seus significados sociais e econômicos. Para René Remond “A experiência também condenou as máximas do liberalismo e demonstrou a nocividade de uma concorrência ilimitada: o Estado devia intervir para regulamentá-la, organizar as relações sociais e defender os interesses legítimos dos assalariados [...]” (p. 103).

O momento cultural, no meio da década de 30, também era de transição. Karnal (2007) menciona que o cinema da segunda metade dessa década passa por uma mudança. As histórias retratam de maneira leve para “distrair as pessoas das atribuições da Depressão e lembrá-las das possibilidades de prosperidade na ‘América livre’”. Nessa época, também, foi lançado o primeiro filme de Walt Disney. Segundo Karnal, “o mundo hollywoodiano da fantasia cultivava a crença nas possibilidades de sucesso individual, na capacidade do governo em proteger cidadãos contra o crime e numa visão da América como uma sociedade sem classes” (*ibidem*). O livro é lançado neste contexto, indo na contramão das tendências da segunda metade da década. Para Eric Foner (*apud* Karnal. p. 213), os ideais de liberdade e sonho americano também passaram por uma reconstrução:

O radicalismo econômico, social e cultural definiu o verdadeiro “americanismo”; a diversidade étnica e cultural foi elogiada como tradição essencial ao espírito do país; e “o jeito americano de viver” passou a significar sindicalismo e “cidadania social” e não a “desenfreada busca pela fortuna”

A história de dois personagens que sonham com sua ascensão social, como em *Ratos e Homens*, nesse momento histórico, coloca em xeque, então, os conceitos iniciais do *american dream*: “*The lofty promises of the American Dream have led most to believe that this can be achieved through owning a nice*

*home, getting a good education, or moving up in social status*”.<sup>6</sup> (WILSON. K. D. *The American Dream: In the Age of Diminished Expectations*. p. 1)

Wilson também destaca que o *american dream* pode representar uma realidade sedutora, por haver diversos relatos de pessoas que mudaram do “*rags to riches*”, mas também pode encontrar pessoas que não atingiram os objetivos ou caíram em pobreza (*ibidem*).

A possível leitura apontada sobre a obra literária ainda se dá no contexto cinematográfico de 1992. Com o fim da Guerra Fria, segundo Karnal, surge “um novo consenso conservador, reduzindo o papel do Estado na economia e na sociedade americana e contendo muitas das liberdades sociais e culturais que haviam sido conquistadas pelos movimentos sociais.” (KARNAL, L. p. 274). E as relações de trabalho nos anos 90, ainda pareciam não ter avançado suficiente, com este diagnóstico: “Em 1992, um trabalhador típico trabalhava 163 horas a mais por ano que em 1972, o que representa quase um mês a mais de trabalho ao ano” (*idem*. p. 260).

Para Botelho e Dudalski, o diretor deixou o final da obra em aberto para demonstrar que ainda existem trabalhadores “que são explorados, tratados com ratos pelos seus patrões e que, de um modo ou de outro, acabam caindo no ciclo vicioso de explorador e do explorado, dando assim maior enfoque à solidão e à desesperança de todos os trabalhadores rurais” (p. 86). Para eles, também, o filme, com essas duas cenas, realiza um “destaque do sonho não vivido, da desesperança projetada no futuro e da amargura pelo seu passado” (p. 87). Esse ponto é importante, pois com os dados demonstrados acima, essa é uma realidade ainda presente.

Entretanto, ao mudar o final da obra, com George em um vagão, uma leitura possível é que haja, então, um conflito de narrativas. Enquanto na obra literária, o protagonista está com seus colegas de trabalho, indicando que ele ainda está empregado na mesma fazenda, na obra cinematográfica, não parece ocorrer o mesmo, dando um outro sentido para o agravamento da crise econômica e da incerteza sobre seu emprego – tendo em vista que ele está em um trem, aparentemente, sem rumo. Os conflitos na narrativa, deste modo, podem ser para representar à sociedade da época os agravamentos e consequências do momento histórico representado. Em uma tentativa de trazer, assim, mais otimismo sobre o quadro contemporâneo ao filme, se comparado com o quadro que a obra literária representa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>6</sup> Tradução minha: “As promessas elevadas do sonho americano levaram a maioria a acreditar que isso pode ser conseguido através de possuir uma casa agradável, obter uma boa educação ou subir de status social”.



A quebra da Bolsa de NY em 1929 e a hegemonia neoliberal no final dos anos 80 fazem com que as leituras das obras, tanto no lançamento do livro quanto do filme, aproximem-se.

O mito fundador norte-americano, o *american dream*, busca construir a ideia de conquista das possibilidades de liberdade e ascensão econômica oferecidas pela nação aos seus habitantes. Entretanto, isso é uma construção ideológica e não é consenso para os próprios americanos, “*The American Dream in and of itself symbolizes the idea of personal freedom, but this freedom only exists to the extent that we have actual opportunity*”<sup>7</sup> (WILSON. 2013). Assim, essas oportunidades de elevação social e econômica, conforme demonstrado nas tramas, não chegam a ser acessíveis a todos.

Tendo em vista a crescente onda conservadora dos últimos anos, seja nas Américas ou na Europa, obras como a de Steinbeck e de Gary Sinise servem para construir uma leitura crítica acerca de um mundo marcado por desigualdades. Além disso, cultivam um olhar de empatia pelos oprimidos e de denúncia dos opressores. A retratação do sonho da fazenda simboliza a motivação dos dois protagonistas em continuar trabalhando, apesar de toda a omissão do Estado que, historicamente, ora parece ajudar a classe trabalhadora e, em outros momentos, não se responsabiliza por pautas sociais.

## 5 REFERÊNCIAS

BOTELHO, Michael Jonas; DUDALSKI, Sirlei Santos. Das Páginas do Livro Para a Tela do Cinema: Um Estudo Comparativo Entre as Adaptações Fílmicas de *Ratos e Homens*, de John Steinbeck. **Criação Crítica**, n. 16, p. 16, p. 74-90, jun. 2016. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoocritica>>. Acesso em: 20 de Junho de 2017.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. **Literatura e Cinema**: Tradução, hipertextualidade, reciclagem. Belo Horizonte. 2005.

FARIA, Johnwill Costa. ***Of Mice And Men, De John Steinbeck***: A Oralidade na Literatura Como Problema de Tradução. 2009. 221 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

KARNAL. Leandro. **História dos Estados Unidos**: Das Origens ao Século XXI. São Paulo. Contexto, 2007.

LIBRARY OF CONGRESS. Disponível em <<http://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/lessons/american-dream/students/thedream.html>>. Visualizado em 25 de junho de 2017.

---

<sup>7</sup> Tradução minha: “O sonho americano em si simboliza a ideia da liberdade pessoal, mas essa liberdade só existe na medida em que temos oportunidade real.”

OF MICE AND MEN. Direção: Gary Sinise. Produção: Alan Bloomquist, Russel Smith e Gary Sinise. Intérpretes: Gary Sinise, John Malkovitch, Ray Walston, Casey Siemiaszko e outros. Culver City Califórnia: Metro-Goldwyn-Meyer/Universal Artists, 1992. 1 VHS (110 min.), color.

RÉMOND, René. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

STEINBECK, John. **Ratos e Homens**. Porto Alegre. L&PM. 2010.

TEMPERLEY, Howard; BRADBURY, Malcolm. **Guerra e Guerra Fria**.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, Papirus, 1994.

WILSON, Kevin D. **The American Dream**: In the Age of Diminished Expectations. Washington. D. C. Georgetown University, 2013.

***Title***

Of Mice and Men: analysis and reading in Pre and Post-Cold War.

***Abstract***

The article aims to discuss the literary work *Of Mice and Men* (1937) by the American writer John Steinbeck and his cinematographic adaptation with the same name, directed by Gary Sinise (1992), observing the differences, similarities and possible purposes, considering the historical character in two moments: pre and post-Cold War. Under these circumstances, the analysis seeks to interpret the works from their historical contexts: the United States of America dealing with the economic crisis of 1929, with the program of President Franklin Delano Roosevelt, the New Deal; And post-fall of the Berlin Wall, an event that marks the end of bipolarity and neoliberal measures become a worldwide trend. In addition, it will also address the relationship with the American Dream, which gained other concepts in the second half of the 1930s, because of the crisis exit agenda that the government imposed (KARNAL, 2007: 213). We have detected that one of the central themes, the book asks if people are in equal situations to enjoy the American Dream. Both the book and the film give similar interpretations in the two historical moments, which is about the "unfulfilled dream of hopelessness projected into the future and of bitterness for its past" (BOTELHO, DULDOLSKI, 2016).

***Keywords***

John Steinbeck; *Of Mice and Men*; American Dream; Cold War.

---

Recebido em: 29/07/2017.

Aceito em: 30/08/2017.